2.ª SERIE. TOMO V.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 42. QUINTA FEIRA, 28 DE ABRIL DE 1853. **12.º ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

BALDE OU CESTO DE SALVAÇÃO EM CASOS DE INCENDIO.

Entre os diversos alvitres e aparelhos propostos para a salvação das pessoas em casos de incendio, por desgraça tão frequentes nesta cidade, como em todas as capitaes populosas, o invento do sr. Manuel Maria Corrêa de Seabra, que já foi administrador deste jornal, é incontestavelmente a maquina mais vantajosa e adequada áquelle serviço tão precioso, que se destina a resgatar de morte horrivel os infelizes habitantes dos predios incendiados. Recommenda-se tanto pela singeleza e pouco dispendio da construcção, como pela facilidade e promptidão da manobra; e os ensaios que se tem feito, por ultimo em o mez corrente, comprovam a sua utilidade.

O sr. Seabra não só é digno de elogio por este producto da sua intelligencia e pelo espirito de humanidade que o dirigiu, como tambem pelo generoso offerecimento que acaba de fazer á camara municipal de Lisboa do modelo do *balde de salvação* em ponto grande, que foi adoptado e se acha em serviço adjunto á bomba n.º 21.

O fatal incendio que em 21 de novembro de 1844 destruiu o predio n.º 121 da rua da Magdalena foi causa de que o sr. Seabra meditasse sobre os meios de construir apparelhos proprios para a salvação das vidas em semelhantes desastres; dos que lhe occorreram á idéa decidiu-se afinal pelo *balde ou cesto de salvação.* Para ensaiar este seu invento procedeu á tentativa de um pequeno modelo, que esteve exposto ao publico em o escriptorio deste jornal com a explicação competente, como consta do n.º 20 do 4.º volume da REVISTA de 5 de dezembro de 1844.

Quando a camara municipal por edital de 2 do citado dezembro convidou á appresentação de propostas tendentes á salvação das vidas por occasião de fogos, o sr. Seabra concorreu com a sua exposição acompanhada dos modelos. Convencido da decidida utilidade deste apparelho mandou construil-o em ponto grande para ser melhor avaliado nas provas publicas; e as experiencias se fizeram com mui satisfactorio resultado nas janellas do 2.º e 3.º andares desta propriedade onde a REVISTA tem seu escriptorio no 1.º andar, rua dos Fanqueiros n.º 82. O principal ensaio praticou-se no domingo 26 de janeiro de 1845 pelas duas horas da tarde em presença dos vereadores da camara, do inspector dos incendios que então era o sr. Feijó, e de muitas pessoas convidadas, além do numeroso ajuntamento de povo; sendo desde logo reconhecida geralmente a superior vantagem do novo apparelho.

Passadas as primeiras e dolorosas impressões do referido incendio na rua da Magdalena, caíram no esquecimento, como por fatalidade acontece entre nós a muitas coisas uteis, todas as maquinas que por essa occasião foram propostas com maior ou menor acceitação; e apesar de ser o preferivel succedeu o mesmo ao invento do sr. Seabra. Felizmente depois que a inspecção dos incendios foi entregue no anno preterito ao engenheiro civil o sr. Joaquim Julio Pereira de Carvalho, e o respectivo pelouro ao vereador o sr. Geraldo José Braamcamp, tem por seus louvaveis esforços e activas diligencias melhorado consideravelmente esta repartição encarregada á camara, já pela acquisição de novas maquinas já pela boa ordem do serviço. Merecidos agradeci-

mentos devem os habitantes da capital a estes cidadãos, e aqui repetimos tambem os que são devidos ao sr. Seabra, que vendo estes melhoramentos considerou opportuna a occasião de offerecer a maquina em ponto grande á camara municipal, não só para servir de modelo a outras, mas para ficar pertencendo ao trem da inspecção dos incendios, como de facto está junta á bomba n.º 21, que foi mandada vir de França para modelo de outras que por ella já se tem feito em Lisboa. É tão leve que 4 ou 6 homens a transportam a qualquer parte aonde seja precisa, e por tanto ahi com ella o *cesto-salva-vidas.*

Do exercicio que no domingo 10 do corrente abril se fez no Campo de Santa Clara em um predio de 3 andares (porque o não havia alli mais alto) com a *mangueira alemã*, e o *cesto-salva-vidas*, se conheceu que este ainda se arma mais depressa do que aquella. Póde transportar das janellas para a rua duas ou tres pessoas maiores de cada vez, e se forem crianças 5 ou 6 que lhe mettam para dentro, porque tem capacidade para isso. Esta commodidade no transporte quer seja para crianças ou para um doente de cama, ou paralytico é que outro qualquer apparelho dos por em quanto conhecidos não póde offerecer. Ainda tem outra vantagem qual é a de que, engatado o apparelho em uma janella do andar superior do predio, salva não só as pessoas que por ella sahirem, mas tambem das outras janellas que ficarem inferiores.

Oxalá que o digno inspector dos incendios mande fazer destes salva-vidas, pelo menos para andarem em todas as bombas ligeiras que estão munidas das escadas de ganchos.

Damos em seguida uma breve descripção do apparelho novo, que nos foi confiada pelo proprio inventor, e cuja estampa se póde ver em o n.º 31 do 4.º vol. da REVISTA de 20 de janeiro de 1845. É o *balde* que está á esquerda da estampa.

Descripção do salva-vidas.

Compõe-se dos seguintes simplices instrumentos: Um balde de lona de 5 palmos de altura sendo a bocca e o fundo um quadrilongo boleado nos angulos, de 4 palmos de comprido e 2 e meio de largo: a bocca cercada de um varão de ferro de meia polegada de grossura, embainhado na lona, e o fundo forrado de madeira para melhor se firmarem os pés de quem vai dentro: é abraçado com um cabo de linho que do centro do fundo do balde pela parte exterior se divide em 8 raios, os quaes vem pelo balde acima juntar-se dois a dois nos angulos da bocca, e ahi formam 4 anilhos de dois e meio palmos de comprido onde se enfia a aza do balde; isto é, cada extremo da aza em cada dois anilhos mais proximos. Na aza, que é de ferro, ha uma argola, tambem de ferro, a que está preso um moitão de um só gorne.

O varão de ferro antes de mettido na bainha da bocca do balde deve ser breado e coberto com umas tiras de pano encerado para o preservar da umidade.

Tanto na bocca do balde como em volta do fundo deve haver uma guarnição de couro.

Uma cadeia de ferro de 7 palmos de comprido tendo nas extremidades ganchos fortes, e ao meio uma argola. Os ganchos são para engatar nos lemes superiores e fronteiros das portas das janellas e a argola que fica ao centro da cadera é para nella engatar o moitão preso ao cabo de vaivem e por onde passa o outro cabo que iça o balde.

Um cabo de linho breado para o vaivem de grossura e comprimento sufficiente que bem chegue de uma janella pelo menos de 5.º andar a descer obliquamente ao lado opposto da rua, e outro cabo de linho em branco para içar o balde, que deve ter o dobro do comprimento do primeiro cabo. N'uma das extremidades do cabo de vaivem ha um moitão com gancho ou gato de mola para se fixar na argola da cadeia, estando o mesmo cabo enfiado pelo outro moitão que ha na aza do balde.

Para se fazer uso deste apparelho põe-se a cadeia, como já se disse, nos dois lemes superiores das portas de uma das janellas de um dos andares mais altos do predio em que for necessario: logo em seguida se engata o moitão do cabo de vai-vem, a cujo moitão está sempre passado o outro cabo que dá o movimento ao balde a cuja aza está preso. O cabo de vai-vem estica-se obliquamente ao lado opposto da rua aonde se amarra, ou a uma porta, ou á argola da estaca de ferro de que hoje já andam munidas as machinas dos incendios. Feito isto começa a içar-se o balde para tirar para fóra da casa as pessoas que estiverem em perigo.

Desta sorte gira o balde pelo cabo de vai-vem sem bater nas paredes ou janellas que lhe ficam inferiores. Quando, porém, tenha de receber pessoas destas janellas que ficam por baixo afrouxa-se o cabo de vai-vem para assim o balde lá poder chegar.

Convém que o chicote do cabo de içar esteja passado a alguma argola para melhor o tentear na descida quem o estiver segurando. Póde ser a mesma argola da estaca de ferro aonde está amarrado o outro cabo.

Muito tambem conviria, tanto ao serviço da inspecção dos incendios, como mesmo aos particulares, que pela parte exterior das hombreiras das janellas de peitos dos andares superiores dos predios se chumbassem olhaes de ferro para nelles se engatar a cadeia.

Os apparelhos devem estar bem acondicionados com os dois cabos colhidos cada um sobre si, en-

fiados nos competentes moitões, sempre promptos a servir repentinamente.

De principio era mais trabalhoso o modo de collocar nas janellas este apparelho, quando na casa incendiada não houvesse pessoa com desembaraço para receber a cadeia e o moitão com os cabos por onde o balde gira; hoje felizmente está sanado esse obstaculo, depois da adopção das escadas de ganchos, por onde um homem com uma daquellas pequenas escadas sobe á maior altura de um predio, levando logo comsigo uma espia para içar o apparelho.

DA VENDA DOS GENEROS.

(Continuado de pag. 472.)

Como coisa muito essencial os generos cereaes antes de serem recolhidos nos celleiros devem ser muito bem seccos ao sol; recolham-se depois, e confiem-se aos cuidados de um fiel, que os disponha e trate conforme a qualidade especial de cada um, tendo em tulhas ou montes e afastados das paredes o trigo, o centeio, o arroz encascado, a cevada, e aveia; será bom que os montes não excedam quatro a cinco palmos d'altura; os que ha de ter espalhados são o milho, o milho sorgo, o milho miudo e painço etc.

O guarda ou fiel deve ser homem honrado, e capaz para desempenhar pontualmente as obrigações que vamos indicar; e que não faça desarranjos em perjuizo do comprador e descredito do fazendeiro. Padejará e dará volta aos generos duas vezes pelo menos em cada mez no inverno, e uma vez só no verão correndo secco o tempo. Ainda mesmo depois da colheita e debulha lhes dará volta duas ou tres vezes por mez; porquanto recolhidos recentemente podem conservar alguma humidade que venha a produzir fermentação. Cumpre-lhe não se descuidar de fechar as janellas ao anoutecer e abril-as de dia, para que não entre a humidade da noute, e se procure a conveniente ventilação; tambem quando os calores forem intensos convem evitar que o ar quente penetre nos celleiros. Chovendo, fechará as janellas fronteiras ao vento para que não entre a chuva: em summa ha de tomar cuidado de que o ar que circula no celleiro seja sempre o mais secco possivel. Vigiará frequentemente se os grãos são acommettidos pelos bichos e insectos, recorrendo neste caso aos sabidos remedios, usando das fumigações da planta de salva, ou pendurando interpoladamente pelas paredes e tectos molhinhos da mesma salva.

Advirta-se que se, por imprevistas circumstancias, o trigo não tiver alcançado o competente gráu de sécca, ou por quaesquer causas temporarias fôr preciso recolhel-o no celleiro em monte, este não deverá passar da altura de dois palmos e quarto; e assim ficará pelos primeiros seis mezes. A pouca humidade, que não teve occasião de largar antes de ser encelleirado, dá origem a uma certa fermentação, a qual produz á superficie do trigo um mui ligeiro véu transparente, similhante a uma teia de aranha, e o qual é sufficiente para impedir que os insectos damnifiquem os grãos que estão por baixo; tendo este véu nunca se deverá padejar ou virar o cereal, mas cumpre tratar de vendel-o; se aquella teagem engrossa é signal de que já os insectos fazem estrago, e com muita maior rasão se deve pôr com dono o trigo, antes que soffra maior prejuizo.

O arroz estando bem secco póde deixar-se em qualquer altura que se queira, e até encostal-o á parede, sendo o unico dos cereaes que não padece por isso; bem entendido achando-se completamente enxuto, condição em que se conserva por largo tempo. Note-se, comtudo, que póde arrumar-se assim encostado ás paredes, mas não hão de ser as dos armazens e casas terreas, e sim as dos celleiros collocados em primeiro andar, como a principio levo dito.

Torno a repetir que o fiel ou guarda deve ter neste trato summa diligencia e grande cuidado, com zelo pelos interesses de seu amo. Por isso mesmo em suas diarias visitas ao celleiro, de vez em quando metterá a mão na tulha ou montes dos cereaes, para conhecer se tem calor, e cheirará um punhado de bagos afim de certificar-se se ha máu cheiro; e observando qualquer destes signaes perigosos dará immediatamente parte ao fazendeiro para tomar as necessarias providencias.

Assim é que na Lombardia usamos conservar em bom estado os generos cereaes e os vendemos com vantagem segundo as circumstancias requerem.

GAGLIARDI (JOÃO).

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XLI.

SOU REI!

(Continuado de pag. 491.)

Apezar de todos os protestos ella perdeu o valor na presença do mancebo, e não pôde fugir aos seus carinhos, nem arrancar-se do seu lado. Colhendo novas esperanças nos bellos olhos, turvos de pranto, o principe cada vez apertava com mais força a timida mão, que nem se negava,

nem se atrevia a corresponder-lhe. Em fim, por um desses impetos da paixão, que a vontade é incapaz de sujeitar, D. João com as faces inflammadas e os olhos cheios de fulgor, exclamou:

— « Elles não nos hão de separar, Cecilia! Não vês a saudade e a ternura nas lagrimas de ambos? Como é possivel esquecer isto e viver depois? Pelo doce nome do nosso affecto, pela coroa de meu pae... »

— « A coroa!.. » murmurou a donzella dolorosamente. « A coroa separa-nos! Porque não sou eu mais do que nasci, ou porque não havia Deus de permittir que vossa magestade fosse meu egual?.. Não tenho dote para merecer a mão de el-rei... »

— « Não falles assim. Tens esse coração, aonde eu sei que reino sobre todos... O rei póde querer thesouros, desejar imperios; mas o homem não vive senão de amor; e esse, querida, és tu a unica de quem o acceita. Dando a mão ao principe, ainda elle te fica devedor. »

— « Não, não! » acudiu a irmã de Thereza com um sorriso cheio de maviosa melancholia. « De que serve tornar-mos a adormecer, se havemos por força de acordar? Bastantes lagrimas me custou já o primeiro engano! O amor de el-rei é o seu dever, o santo dever de estimar os seus povos e a sua gloria. Vossa magestade não póde descer, sendo o primeiro, e eu não devo subir sendo a ultima... Entre nós e as illusões, está o mundo, está o throno... »

— « Que esteja! Sou cavalheiro; dei a minha palavra... »

— « Venho restituil-a! » redarguiu a donzella affectando uma firmeza que desmentia o tremor da voz e o pranto a borbulhar nos olhos. « Se a primeira vez que nos vimos eu soubesse que era vossa magestade... seria hoje menos desgraçada. A promessa que recebi foi de um egual, e não de el-rei. Desse nada podia ouvir, nem acceitar em penhor de estima, senão... o esquecimento. Se em Santa Clara vossa magestade me dissesse que o principe D. João é que jurava pela sua alma, e com extremo, a mesma paixão que eu senti, eu havia de vencer-me, e nada do que succedeu acontecia! O que pedi não foi a coroa; nunca tive a loucura de sonhar com impossiveis! Quem amei não foi o herdeiro do throno, foi o cavalheiro, cujo appellido ignorava, porque o coração não quiz saber senão o doce nome que lhe dava... Desejei outra coisa que não eram honras; e tinham-me promettido mais; pedi amor, sómente amor, e o affecto não se vende, senhor, paga-se como se recebe, puro, extremoso e innocente. Estou enfadando a vossa magestade bem conheço; mas é pela ultima vez. São as ultimas palavras. Vim aos seus pés a pedir perdão e esquecimento; perdão porque me enganei, ou me enganaram; esquecimento para poder expiar o meu erro na sepultura de um convento... »

— « Nunca! » clamou o principe com vehemencia, e erguendo as mãos. « Não me accuses; ouve-me! Se dissesse tudo, se confessasse que era o filho mais velho de el-rei... »

— « Vossa magestade poupava-me a dor da viuvez eterna a que estou condemnada! Se eu podesse esquecer, el-rei julga que estava agora aqui, penando o que padeço? Depois dos dias que passaram, acorda-se, mas para tomar odio á vida e a carregar de luto... Não me queixo; não derramo lagrimas; o que digo só para que me ouça aquelle que amei e que amo ainda pela sua memoria como se estivesse morto, é sómente isto: João, foi mal feito; eu não o merecia! Um cavalheiro não me enganava... se!.. Acabei senhor. Fallemos dos vivos. »

— « Fallemos da nossa esperança, do amor, como fallavamos... »

— « Quando elle vivia, e na minha alma eu o tinha feito meu esposo?! » interrompeu a donzella assumindo ar severo. « Não se lembra vossa magestade da palavra que lhe dei, diante de Deus e no segredo da noite? Se eu fosse rei, amavas-me? perguntou-me. Acceitavas a coroa e o throno, para reinar comigo? Qual foi a resposta, senhor? Ignorava tudo; suppunha que a verdade era um riso; mas o meu coração fallou como agora. Não amo el-rei, amei a outro, e esse morreu, perdi-o quando encontrei nelle a vossa magestade! Viuva sem ser esposa, orphã tendo paes extremosos, o que procuro é um retiro aonde não chegue o mundo, e aonde sem crime continue a amar... a minha saudade. Quando o confesso a vossa magestade e acrescento que o meu ultimo suspiro será para Deus, e o penultimo para a ternura que jurei, disse tudo. É necessario uma determinação invencivel, como a que tomei, para não esconder nada. Sabe vossa magestade a rasão? Sou como se estivesse morta. O amor e a saudade, que posso dar, sepultei-os no meu tumulo; e o coração se palpita não vive do que é, vive do que foi. Olho para tudo como para mim. E eu não tenho já que esperar, tenho só de que chorar e de que me arrepender. »

— « Cecilia, meu amor! » exclamou D. João com as lagrimas a correrem em fio pelo rosto,

não me digas que nos havemos de apartar. Deus não uniu duas almas em uma só para os homens as separarem! Escuta-me; peço-to de joelhos; e não me levanto em quanto não ouvir o sim da tua bocca... »

— « Senhor! Veja vossa magestade que não estamos sós!.. » atalhou a neta de Lourenço Telles, fazendo todos os esforços para o obrigar a erguer-se.

— « Aqui não está el-rei; e não ha olhos que se atrevam a vêr, quandos os delle choram e suplicam. É o homem que amaste, é o coração que juraste fazer feliz, que te pede que o não desterres do paraiso... »

— « Senhor! » exclamou ella desatando em pranto. « Vossa magestade tenta de mais a fraqueza do meu animo. João! » ajuntou mais baixo e deixando fugir para elle, banhada de lagrimas suaves, a vista fascinante, que foi beijar o olhar terno e queixoso do mancebo, « isto não póde; isto não deve ser. Aos meus pés o rei!.. »

— « É o seu logar pedindo perdão e confessando o erro. »

— « Eu não me queixo. Perdão de que? Aquelles momentos do nosso sonho foram tão bellos e fazem-me tanta saudade, que agradeço até o engano, a que os devo. João, deixa-me pura ao menos, já que perdi tudo, a chama que aviva a tua imagem na minha alma. Não podemos tornar a vernos sem crime; separados temos a saudade para nos dizer a ternura, que juramos... »

— « Não, não! A saudade, o amor que resta dos mortos e dos ausentes não me consola; quero ao meu lado o anjo que é a alegria e a luz da minha vida. Compadece-te! Deus mesmo castiga, mas perdoa. Não me condemnes por orgulho!.. »

— « João, nem uma palavra mais, se ficas de joelhos! Cuidava que, vindo aqui, não teria que chorar senão as lagrimas de uma despedida eterna. Não as faças correr de vergonha e de remorso! »

O principe levantou-se pallido e sombrio. A magoa lia-se-lhe no semblante desfigurado. A vontade irrisestivel pintava-se-lhe na vista flammejante. Apenas se poz em pé procurou com os olhos o sitio, aonde ficara o padre Ventura. Debalde! o jesuita, apenas viu de joelhos o monarcha, tinha-se retirado subtilmente, porque era muito habil para se expor a presencear fraquezas, que podessem amargar um dia ao orgulho real. D. João V agradeceu interiormente ao visitador este rasgo, sem testemunhas o seu affecto não corava e podia dizer tudo, humilhar-se sem desar. Pegando com meiga tristeza na mão de Cecilia, o mancebo acrescentou com a voz cortada e os olhos arrasados de agua:

— « Has de ouvir-me! Se te revelasse quem era, não me deixavas nem a esperança: e perder-te, vês tu, era e será sempre arrancarem-me o coração. Se o ciume, se a loucura de Jeronymo não cortasse de repente ao fio da espada os nossos juramentos cuidas que não tinha disposto tudo para te unir á minha sorte? Só depois de esposa saberias que te dava a coroa, dando-te a mão. Deus não quiz! Bastou uma hora para confundir os meus projectos, e na desesperação a que chegava desejei a morte. Acreditei que a mesma noite me roubava amante e pae... E via-me obrigado a esconder a dor e a soffrer comigo o martyrio! Imagina que tormentos!.. Porque me accusas? É um crime anciar a ventura e callar-me, sabendo o perigo se o segredo rompesse antes de tempo? Leio no teu peito, sei os thesouros de amor e de generosidade que encerra. Princeza descias do throno, e offerecias-me a mão para eu subir... Não é verdade? »

— « Sim! » replicou a donzella corando. « Quizesse Deus que eu fosse a rainha e tu o vassallo! »

— « Assim o esperei. Se m'o não dissesses era o mesmo, adivinhava o que fazias... »

— « Chamava-te esposo, ainda que pizasse a coroa aos pés! » atalhou ella vermelha e sem ser senhora do seu impeto. Um instante depois, conhecendo que fôra sincera de mais, baixou a cabeça e poz os olhos no chão sem occultar as lagrimas.

— « Tu o disseste! » exclamou o principe com a fronte radiosa, e o ardor da paixão triumphante na vista. « Chamavas-me esposo, e não olhavas ao sacrificio! Como queres que amando-te mais do que ao throno, mais do que a mim proprio, faça menos? Palavra de rei não volta! Dei a minha, já não me pertence. Para te não perder sendo vassallo, e apesar de todo o orgulho, juro que subia até te alcançar, responde agora: mandas que desça para ficarmos como eramos, e como pareciamos, não envenenar-mos de saudades mortaes a flor dos annos? Ponho a escolha na tua mão. É a minha vida que entrego. Uma palavra; e o rei cahe de joelhos para se levantar ditoso não reservando de quanto servia de inveja á ambição mais do que a sua espada e o seu nome de cavalheiro. Entre a felicidade e a magoa eterna, comprando por um sorriso a felicidade, acho pequeno o preço, embora fique a coroa de menos

aos pés de ambos... Tenho-te a ti, e é de mais para esquecer o resto! »

Estas palavras, proferidas com a vehemencia e no tom persuasivo do amor ardente, comoveram a donzella. Pousando-lhe a mão no hombro, e deixando-lhe caír sobre a mão um osculo e uma lagrima, a irmã de Thereza, disse suffocada:

— « Não tornemos a sonhar, João? Achas que foi pequena ainda a dôr do primeiro golpe. Sei o teu affecto; não digas mais; sei. Basta-me perguntar ao coração. Mas o rei está primeiro do que o amante... »

— « O rei não póde viver, nem quer viver, fazendo desgraçado o homem! » atalhou o principe fogoso e beijando-lhe a mão.

— « Pois sim! custa muito a dizermos adeus ao enlevo e á esperança; a separarmos de nós ametade da nossa alma para a outra ficar só e gemendo. Chora-se; a chaga doe; porém no fim de annos tudo acaba. Olha; eu que sou mulher, que não tenho reinos nem povos para me consolar fazendo-os ditosos; eu que vivia de te amar na ausencia, de te esperar com ternura, e de te adorar no meu coração, estou conforme, não me queixo; e mais o véu de religiosa, e a cella de um convento, na tristeza e na solidão, é o que vou procurar!... João, não será preciso muito amor para te perder, e ainda mais para vir aqui despedir-me e jurar-te que a ultima luz dos meus olhos hade ser a tua imagem; que o ultimo desejo da minha vida é a tua gloria!... Vês! não ha remedio; antes uma agonia só, do que os pezares eternos, e os remorsos continuos no meio das flores do nosso affecto. Elle nasceu tão puro, e extremoso, que era crime deixal-o manchar pelos outros ou por nós. »

— « Se alguem tivesse a ousadia de suspeitar, sómente de suspeitar, a candura e a innocencia da tua alma... »

— « João, o poder de el-rei não chega á consciencia; a calumnia anda de rastos, e não se piza senão com o pé. Para a matar é necessario descer... Imagina o que seria a inveja, se de repente uma donzella sem jerarchia, só porque alguns dotes de espirito ou de corpo captivaram o seu soberano, fosse elevada ao throno, e tivesse abaixo de si as filhas dos duques e dos fidalgos da côrte!... O que diriam essas damas, que, sendo tanto, nunca se atreveram a subir com o orgulho aonde queres que eu suba pelo teu amor? »

— « Em te vendo achavam justa por força a minha escolha! »

— « É a tua illusão que falla; e não é a verdade, a triste verdade do mundo! Vendo-me detestavam-me ainda mais. Olha, querido; (deixa-me pela ultima vez dar-te o doce nome, que d'aqui em diante só o coração ha de repetir); os teus vassallos não são amantes; são vassallos, são homens. O sceptro obrigal-os-ía a callarem-se; mas o odio cuidas que por isso seria menos forte? Por fim conseguiam separar-nos, armando enredos, tecendo falsidades; não se resiste aos máus, por mais que digas, quando as apparencias da rasão estão por elles. E depois de alguns momentos de prazer, satisfeita a paixão que o nosso dever era suffocar, seriamos infelizes pelo resto da vida. Não! Quero ao menos, já que a desgraça tenha de vir, que me encontre innocente. Fujo de ti, porque desejo amar até ao meu ultimo suspiro. Não queiras tirar ás minhas lagrimas a doçura affectuosa da saudade; as do remorso, (tu não sabes!) amargam e não consolam. Sei como ardem, eu que as chorei sobre uma irmã, accusada sem culpa, e sobre aquelle, que desde a infancia olhei como se fosse do meu sangue!... Dize-me, João! El-rei não soube nada do que se passou com o principe real? Aplacada a ira, a reflexão fez logo justiça, não? Mandaste soltar Jeronymo, e vaes dar-lhe provas de que não só perdoas, como esqueces? Vês; tenho ciumes ainda; não do coração que brevemente deves dar a outra; mas da tua gloria. Estimo-te, e hei de ser fiel á memoria do primeiro e unico affecto da minha vida; mas não soffreria que os outros te estimassem menos. Has de ser um grande rei; entendes! Quero que o preço, porque te cedo a minha ventura, me não custe tanto. Vamos; responde! Jeronymo está innocente, porque o seu delicto é o nosso... foi já solto? El-rei lembrar-se-ha de que descendo ao tumulo, Cecilia lhe pediu que fizesse por amor della a felicidade de Thereza, de sua irmã, que ía tornando desditosa?... »

O mancebo, que a ouvira com o pranto a rebentar dos olhos, e o rosto cada vez mais pallido, redarguiu suffocado:

— « A rainha de Portugal é que ha de decidir da sorte de Jeronymo. Entrego-a nas suas mãos. »

Era ainda um subterfugio da paixão; uma especie de coacção do amor para supplicar e para vencer. A donzella, porém, como se não percebesse, ergueu a cabeça, e com a vista severa, replicou:

— « A rainha de Portugal não deve saber da mocidade do principe real senão que elle é

seu esposo! Quererá el-rei que o innocente gema em ferros até esse tempo? »

D. João V. não respondeu logo. Depois de uma pausa anciosa, em que a dor, e a ternura se lhe pintaram no rosto, foi ao bofete, dobrou um papel, e deu-o a Cecilia. Depois, sentando-se na sua cadeira, e escondendo o rosto com as mãos, deixou correr as lagrimas, soluçando alto.

O papel era a ordem de soltura para Jeronymo.

Nada mais angelico, nem mais extremoso, do que a luz suave e aveludada que a pupilla negra da donzella deixou cair entre prantos sobre a cabeça pendida do mancebo. A resignação, a piedade, e o amor, em toda a eloquencia fremente cortavam nella. Depois, enviando-lhe, sem que elle visse, na ponta dos dedos de rosa um beijo, em que respirou todo o perfume da alma namorada, aproximou-se, e disse-lhe com a voz meiga e irresistivel, que era o echo magoado do coração:

— « Um homem, João, não chora assim! Tem animo para si e para os outros. Se eu fizesse o mesmo, o que havia de ser? »

Descubrindo as faces affogueadas, e com os olhos ainda roxos, o principe encarou-a admirado. Sorrindo-se, e beijando-lhe a mão com a mais casta vermelhidão no rosto, ella accrescentou:

— « Bem. O principe foi digno do seu nome! Este papel diz-me que el-rei esqueceu tudo como rei. Agora eu. João, ouve-me: estas cartas e este retrato são da rainha de Portugal. A freira que vae ser, tem a saudade para sua companhia; e do mundo, que deixa, nada deve passar a grade... bastam as penas e as memorias! »

— « Nunca! « exclamou o principe levantando-se. » Não nos havemos de separar assim; não quero; não consinto. Tenho combatido comigo, tenho feito o possivel para vencer, excede as minhas forças... Se queres salvar o rei não desesperes para sempre o homem! Cecilia, se amasses, como eu, tinhas medo... »

— « De arrastar a tua gloria pelas murmurações do povo, e pelas zombarias de todos os soberanos? « acudiu ella com ironia. » É verdade; se eu escutasse a paixão, e me fizesse surda ao dever, punha na cabeça a corôa ainda que os festejos fossem risadas e pasquins!...

— « O padre Ventura é que te persuadiu disso? » perguntou o rei irado, e ameaçando com a vista o logar aonde estivera o jesuita.

— « O padre Ventura, » retorquiu a irmã de Thereza serenamente » disse-me só que receiava que me faltasse o animo para este lance. Tinha rasão; mas eu é que não contava que, além das minhas maguas, havia de necessitar valor para resistir ás injustiças de vossa magestade.

— « Para ti sou amante, não sou rei! » gritou D. João com ar sombrio. »

— « Para mim vossa magestade não póde ser senão o rei! » atalhou ella severamente; depois passando para a ternura mais suave ajuntou. « João, cuidas que o sacrificio não me foi doloroso? Crê que saíu do mundo, do amor, e da esperança para a sepultura e para a saudade, ficando o coração como estava, e a alma sem lagrimas? Oh, se podesses vêr os golpes, e o sangue, que salta delles! Combati comigo tambem; fiz diligencias por me enganar; lembrou-me tudo para ser feliz!... Olha, não morre, aonde eu vou morrer, senão quando nem a sombra de uma illusão resta para nos chamar e nos attraír!... Temos de nos separar... para sempre. Choras? Olha para mim, e lê no meu rosto, e verás o que me custa; mas é preciso. El-rei não póde amar senão no throno, e eu nasci tanto abaixo que os seus olhos nem me devem conhecer. O homem... sabes se o adoro; porém, revelando-lhe o segredo da minha paixão, confessando-lhe que ella sobrevive ao sonho do nosso encanto, jurei fechar logo sobre mim a grade do claustro, e esconder o rosto para nunca mais o vêr, nem ser vista, senão... pela saudade. De que serve luctarmos contra o infortunio? As cartas e o retrato, que te dou, não são precisas para esta alma viver com a tua; e a pureza do affecto que nos uniu quer que mesmo depois de eu morta ninguem possa ter uma suspeita. De joelhos te peço, João: acceita o quenão me póde pertencer; salva a tua e a minha honra! »

Elle, com a vista secca de prantos á força de dôr, e a voz tomada, recebeu os papeis, e ajoelhando tambem, encostou a cabeça ao hombro della, arquejante e convulso só alli tornou a sentir as lagrimas, e pela ultima vez uniu as suas ás de Cecilia... Decorridos alguns minutos assim, a donzella parecendo beijar-lhe o rosto com a luz affectuosa das pupillas, disse:

— « Então? Não havemos de ter valor para nos lembrarmos sem remorso do amor? » O principe não respondeu; mas tapou o rosto com as mãos.

— « João—continuou ella com o mesmo estremo—qneres que te ame sempre, que morra abençoando a hora, em que te vi? »

A dor não deixou ainda abrir os labios ao mancebo.

— « João, pelo doce nome da nossa ternura tem dó de mim! Não esqueças, que não nos separando, e não podendo amar sem crime, eu hei de morrer despresada por todos, e por mim, se tu me não salvares! Não respondes? Queres a minha honra e não o meu amor? Tua esposa não hei de ser; juro! Escolhe, e decide: queres seja menos!? »

O principe poz-se em pé, branco de jaspe, olhou para ella alguns instantes, e com um soluço, que dilacerou o peito a ambos, exclamou:

— « Não! Morre para o mundo. Antes o convento! » Depois extatico e fulminado ficou sem falla e sem luz nos olhos, como se um raio o tivesse ferido.

— « Obrigada, João! Obrigada! » Acudiu Cecilia. « É verdadeiro, é santo o amor que se despede assim! A deus, para nos encontrarmos no ceu. Lá ninguem impede os seraphins de exaltarem a Deus, e de se unirem pela chamma do affecto!... Adeus!... Sinto que o animo me foge, e que mais tarde não teria forças para me separar d'aqui. João, amo-te, adoro-te como nunca mulher nenhuma te ha de amar! Pela ultima vez t'o juro! »

E em um impeto irresistivel de paixão, cingiu-lhe o collo com os braços, apertou-lhe a cabeça sobre o coração, e pousou-lhe os labios ao de leve sobre a testa. Um instante depois, o rei, a quem tudo isto se figurava um sonho, viu-a afastar o reposteiro, abrir a porta, e desapparecer no corredor. Ia a lançar-se adiante para a ver ainda, quando o desalento e a reflexão o detiveram. Era inutil!

Cecilia baixando o veu para occultar as lagrimas, de que trazia banhada a face, correu para o visitador, que a esperava, dizendo com anciosa oppressão:

— « Consumou-se o sacrificio! Padre Ventura, nunca julguei que doesse tanto. A morte ha de custar menos! »

Atraz destas palavras vieram as lagrimas e os soluços. O jesuita commovido não soube senão responder-lhe:

— « Animo, filha! Deus ha de premial-a! »

Ao mesmo tempo D. João V com os olhos roxos e a pallidez de um defuncto no semblante dizia ao seu camarista de semana sem levantar a vista:

— « Conde de Aveiras, entregue este alvará a Diogo de Mendonça. É a sua nomeação de secretario de estado. Diga-lhe da minha parte, que estes tres dias não ha despacho. Que ninguem entre nos meus quartos! »

O conde, inclinando-se silencioso sahiu; e o monarcha, encerrado na sua camara, chorou sem testemunhas em liberdade. Era o tributo de lagrimas que pagava pela corôa, perdendo por causa della no mesmo dia as doçuras do amor, e as illusões da mocidade. O baptismo da amargura fazia-o homem!

Nessa tarde Jeronymo foi solto, e aos pés de Thereza abençoou as dores do infortunio que passara. Cecilia, vendo-os assim alegres e namorados, sorria com a bocca, e chorava com a alma. Uma vez, porém, não poude reprimir os suspiros, dizendo á sua amiga Catharina de Athaíde:

— « Como Deus é justo! A elles fel-os ditosos; e a mim para me castigar mais poz-me diante dos olhos o espectaculo das venturas, que não merecia. Oh! cada vez sinto maior saudade do meu convento! »

Prantos e um beijo, eis a resposta da noviça. Que mais podia ella dizer áquella agonia inconsolavel?

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

O FIM DO SEMESTRE.

Estudos biographicos e necrologicos.

POR UM PHILOSOPHO.

VIII.

Quando Pedro entrou, Luiza estava sentada com o rosto encostado a uma das mãos, e contando de si para si quaes podiam ser os motivos da desgraça que tinha por certa, e que lhe era impossivel vencer.

— « Então que tem; vem triste? »

Perguntou Luiza, apenas o viu entrar, esforçando-se por aparentar a serenidade que não tinha, e procurando lêr-lhe nos olhos o que receiava ouvir-lhe de viva voz. Pedro ficou calado, sem se atrever a responder-lhe.

— « Pedro, que é isso? Ha dias de mais tristezas uns que outros, bem sei; mas tão pensativo, tão esquecido de tudo, como hoje, é que me não recordo de nunca o ter visto. »

— « Tão lembrado, é que devera dizer. Oxalá que eu me podesse esquecer; mas ha coisas que por mais que a gente queira, por mais diligencias que faça, se momentaneamente consegue enfraquecer a memoria, desperta-a d'ahi a pouco a voz da honra, e a ninguem é permittido despresar os seus conselhos. »

— « Jesus Maria! Nunca taes palavras lhe ouvi, tambem! »

— « Nem eu nunca julguei que a senhora as merecesse! Ha feridas que penetram fundo, e esta é uma dellas; desculpe-me, perdoe-me, mas creia que se as minhas palavras são severas, é porque a offensa tambem é grande. »

— « A offensa?! »

— « E eu não lh'a merecia, Luiza. Metta a mão na sua consciencia, interrogue-a, e responda-me depois se o meu amor era ou não sincero e leal; se algum outro homem era capaz de a tractar com mais respeito do que eu, se... Responda Luiza: de que me póde accusar? »

— « Eu! Accusal-o! Que pensamentos, Pedro! Pois de que o hei de eu accusar, se ainda não recebi senão provas de amisade e desinteresse? Valha-me, Deus, valha! »

— « Então confessa que lhe não merecia tão ruim recompensa? Ao menos, minha senhora, o seu testimunho é de peso, e basta para a minha defeza. »

— « Para a sua defeza! Então que tenciona fazer? Que idéas são as suas? Que resolução pertende tomar. »

— « A unica que nestes casos deve tomar um homem de bem. O mais perdoo-lhe. »

— « Mas, Pedro, perdoar perdoa-se aos criminosos, e eu não o sou. Bem me diziam os meus sustos, as minhas prevenções intimas que se não passaria hoje o dia sem um desgosto serio. »

— « Mas será... é o ultimo que lhe dou. Tambem eu vivia na fé do seu amor, e sinto e conheço agora que morri para o mundo e para tudo. »

— « Que foi, Pedro, traíram-n'o? Enganou-o alguem? »

— « Enganou. »

— « Bem moça, bem alheia das coisas do mundo sou, e sempre lhe disse que se acautelasse, que se não ficasse tanto em palavras, que nem todos eram seus amigos, que o desengano havia de vir cedo. »

— « E veio; mais cedo de que eu nunca o esperei, e de pessoa a quem eu menos o merecia. Luiza, basta de dissimulações; não me devia ainda respeito, fez o que tinha vontade, posso-me queixar, mas não tenho direito para a reprehender. »

— « Pedro, que é isso? Endoideceu? »

— « Não quiz Deus que assim fosse; ao menos talvez esquecesse os seus juramentos, mas vivo para me recordar de tudo quanto desejava que não tivesse existido! »

— « Juro-lhe... »

— « Não jure, senhora que é inutil. »

— « Por alma de minha santa mãe... »

— « Não acabe, Luiza, que é profanação! »

— « Pela memoria do nosso amor... »

— « Não diga mais que a não acredito. »

— « Então? »

— « Acabou-se tudo, Luiza. Saberei ser homem. O mundo é largo, não sou ambicioso, e para toda a parte que me leve a sorte, em me não faltando o trabalho, confio em Deus que me não faltará tambem o pão. »

— « Eu é que o não intendo; falle, Pedro; diga de que me accusa, ponha-me em face dos calumniadores e verá que são elles... »

— « Que fallam a verdade. Não os calumniadores, mas os que a viram... peço-lhe perdão, Luiza, não me obrigue a repetir-lhe o que fez, e a envergonhar-me da minha credulidade. Quem falta aos seus juramentos não deve estranhar que os mais não cumpram as suas promessas. »

Luiza até aqui nem suspeitava dos motivos que Pedro poderia ter para assim lhe fallar tão desabrido; de repente, lembrou-se da adella e estremeceu; a innocente visita que fizera a casa do usurario era sem duvida a origem das exageradas arguições que acabava de ouvir. Luiza não se poude conter e exclamou:

— « Oh! Aquella mulher! Bem me dizia o coração que della me viria todo o mal que estou soffrendo. Não sei que interesse podia ella ter em que... »

— « Um homem de bem fosse enganado? Até que emfim, Luiza, confessa? »

— « O quê, senhor? Que quer que eu lhe confesse? Juro pela cruz de oiro que pertenceu a minha mãe, e que ainda guardo... »

— « Bem sei! Porque comprou com a deshonra o favor de um homem, porque essa cruz, pretexto de um supposto negocio, foi a mascara com que a senhora vendeu o meu credito e a sua reputação. »

— « Pedro! Isso não se diz sem provas, não se affirma sem motivos serios! »

— « Tenho-as de sobejo; prouvera a Deus que assim não fosse! Que interesse posso eu ter em despedaçar por minhas proprias mãos a felicidade que era o sonho da minha vida? Mas houve quem a visse entrar só para casa de um homem, não houve? »

— « Houve: para sobre esta cruz alcançar... »

— « Cale-se, Luiza, não minta. Sei o que me vae dizer, o romance que me quer contar. Mas eu sei tudo por minha desgraça. Sei o pretexto da sua visita, não ignoro os vergonhosos resultados della. Perdoe-lhe Deus, assim como eu tambem lhe perdoo! »

— « Não posso acceitar o seu perdão. Manda-me a consciencia que o não acceite. Criminosa não teria o orgulho de o rejeitar; innocente, veda-me a consciencia de me abaixar a recebel-o. Oiça, Pedro; veja bem se o enganaram, e quem o enganou: eu sou uma pobre mulher que não sei, que não posso convencel-o. As lagrimas guardo-as, hei de precisar dellas não para combater a injustiça, mas para chorar sobre a leviandade de quem assim me accusa. «

— « Luiza, o orgulho torna-a impertinente! »

— « É a consciencia que assim me faz. Pela ultima vez, Pedro, embora me não queira ouvir, juro-lhe que estou innocente. Acredita? »

— « Não posso. »

— « Affianço-lhe que tudo é uma pura calumnia, e que quem me denunciou... »

— « Sem o pensar. Foi uma santa velha, coitada. »

— « Meu Deus! A adella! »

— « Foi. Conhecia-me de criança, doia-lhe o meu; descredito que havia ella fazer senão o que fez? »

— « Está tudo acabado, Pedro. Não tenho saude nem valor para me pôr a luctar. A duvida anda-lhe no coração e já vejo que me é impossivel chamal-o á verdade. Adeus, Pedro, algum dia se arrependerá da sua injustiça! »

Pedro levantou-se para sair. Tentou despedir-se, mas as palavras não lhe davam a medida exacta do soffrimento, e calou-se. Luiza foi quem rompeu de novo o silencio.

— « Então parte? »

— « Parto. »

— « Para sempre? »

— « É Deus que assim o quer. »

— « Sem saudades? »

— « Do passado algumas, para que hei de eu mentir. Mas espero que o esquecimento accuda a salvar o que ainda me resta de fraqueza. O tempo e ausencia fará o resto. »

— « A ausencia! Para aonde tenciona ir, Pedro? desculpe-me a pergunta. É sincera. »

— « Embarco ámanhã. Mais procelloso mar que os meus pensamentos não vou eu encontrar de certo. Adeus, lembre-se alguma vez de mim, e arrependa-se do mal que me tem feito soffrer. »

— « Então a sua resolução não muda? »

— « Não póde mudar. »

— Então, adeus. »

Pedro saíu, e Luiza caíu soluçando n'uma cadeira. A adela triumphava momentaneamente, mas lá estava o usurario para lhe fazer conhecer mais tarde as vaidades do mundo.

IX.

Ao outro dia recebia o sr. Ambrosio parte official das evoluções da vespera, e esfregava as mãos com um contentamento alvar difficil de se poder narrar. A adela acompanhara até ao fim a intriga que urdira, e fingia agora arrepender-se de tanto mal que ella dizia escusado para satisfazer os caprichos do sr. Ambrosio. Os alliados estavam em guerra. A rasão era simples e natural. A thia Thomazia tentara especular com o amor do collega, para o levar de consequencia em consequencia a concessões a que o usurario preferiria a morte. A adela fôra enganada. Coxeando, para demonstrar os inconvenientes das marchas e contra-marchas a que se sacrificara na vespera, pensativa, para inculcar o quanto lhe custara a urdir e a sustentar a calumnia, a thia Thomazia apresentou-se de madrugada em casa do usurario, que a recebeu friamente. A adela não era mulher que se deixasse intimidar por uma recepção menos benevola. Conhecia a superioridade que tinha sobre o collega, e estava disposta a jogar as ultimas. O sr. Ambrosio tambem pensara muito a noite anterior, e estava resolvido a não se deixar governar como uma criança. Os dois contendores mediram-se em silencio por algum tempo. A adela sorria interiormente de despreso pelo ar de impostura com que o collega a recebia; elle, pela sua parte, estava como nunca disposto a defender palmo a palmo as suas immunidades de agiota, e a não ceder a quaesquer contrariedades que por ventura podessem apparecer. Era solemne e ao mesmo tempo caricato o silencio dos dois antagonistas. O sr. Ambrosio queria livrar-se do pesado jugo da adela, mas, desde que se tornara seu cumplice em mais de uma escandalosa extorsão, e ultimamente contribuira para dar alento á calumnia, não podia sem grande reserva arrostar com tão perigosa inimiga, avaliando demais as tendencias que a thia Thomazia tinha para os mexericos, e a proficiencia com que os manejava.

L. A. PALMEIRIM.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Notavel obra de historia natural.—Pelos jornaes de Hespanha do dia 19 do corrente abril nos constou que o nosso amigo D. Ramon de la Sagra teve a honra de ser admittido em audiencia particular da rainha catholica, e appresentar-lhe concluida a *Flora cubana*, ou descripção das plantas por elle descubertas e examinadas durante a sua residencia na ilha de Cuba. Esta importante obra, composta de tres volumes de texto e um de estampas, é uma secção da historia politica e natural daquella opulenta possessão hespanhola que o distincto escriptor está publicando em Paris ha annos a esta parte, cuja conclusão se retarda por motivos estranhos á vontade do auctor, e que augmentam de anno para anno por seus desgostos e enfermidades.

A *Flora cubana* offerece a descripção de 1:676 especies de plantas, pertencentes a 762 generos, e das quaes são novamente descubertas perto de 500. Cumpre, porém, advertir que o sr. Ramon de la Sagra, antes de seu regresso á Europa, remettia muitas das plantas que encontrava ao seu amigo, o celebre mr. Decandolle, de Genebra, que se apressava a descrevel-as e publical-as no seu *Prodomus* como novas. Por esta causa, ainda que descobertas pela primeira vez pelo sr. Sagra, muitas das especies da *Flora cubana* achavam-se já consignadas pela sciencia; mas, agora na obra terminada se encontram as descripções completas, e observações que ainda estavam ineditas.

Não obstante o volumoso da obra, o sr. Sagra mostra que o texto acha-se mui compacto, porquanto ha pagina que contem cinco ou seis especies, e muitas carecem das preciosas explicações economicas, agricolas, industriaes e medicas, que colligiu o infatigavel viajante, e que não foi possivel incluir dentro dos limites fixados á sua publicação. O governo só lhe concedeu 25 cadernos sobre os 75 já publicados, para comprehender o restante da parte botanica, recentemente terminada, e a historia natural dos pei-

xes e crustaceos, arachnides, insectos, radiarios e zoophytos, que ainda falta por publicar. Em tal situação e obrigado o auctor a incluir dentro de tão estreitos limites as riquezas zoologicas que descobriu, lhe foi forçoso condensar todas as outras e ommittir grande parte do fructo de suas explorações e estudos.

Só as que são relativas á secção botanica comprehendem materiaes ineditos sufficientes para redigir sob o titulo de *Sylvia cubana* outro livro utilissimo, complemento indispensavel da *Flora*, que offereça além dos dados novos e interessantes sobre a vegetação e o crescimento das arvores da Cuba a explicação das propriedades e usos de suas madeiras, de suas fibras textis, de suas gommas, resinas, succos etc.

Como indicação sómente da importancia que teria similhante livro, nos limitaremos a lembrar a que deu o jury de Londres á collecção de madeiras da Cuba, formada nesta ilha pelo sr. Sagra, remettida pelo mesmo ao real jardim botanico de Madrid e enviada por ordem do governo á exposição universal. Depois de haver feito um merecido elogio da dita collecção e conceder-lhe uma medalha de premio, o jury superior inseriu nas paginas 154, 155 e 156 de seu relatorio o catalogo dos nomes vulgares e botanicos das sobreditas madeiras, organisado pelo sr. Sagra. A *Sylvia cubana*, se saír á luz, dará infinitas noticias que ainda são desconhecidas, e que o auctor não poude inserir na parte botanica ou puramente descriptiva.

Como garantia do merito scientifico do trabalho publicado cumpre saber que o sr. Ramon de la Sagra teve a feliz idéa de confiar o exame e a descripção das especies de seu numeroso herbario a dois botanicos eminentes, o doutor Montagne para a cryptogamia, e o doutor Richard para a pharenogamia. a morte arrebatou este illustre sabio quando terminava o trabalho que annunciamos, e o outro distincto collaborador occupou a sua cadeira vaga no instituto de França.

Igualmente teve acertada escolha o sr. Sagra quanto aos artistas a quem confiou o desenho e gravura das cem estampas da *Flora*. Nada excede, nem sequer iguala, as figuras das plantas cryptogamicas, impressas coloridas e retocadas á mão, com as miudezas anatomicas das partes da fructificação e dos tecidos no augmento de mais 500, 600 e 900 vezes do tamanho natural. Quanto ás plantas phanerogamas, os desenhos se fizeram só a traço, como hoje se costuma para reproduzir as plantas dos herbarios, que tendo perdido a sua côr natural não é possivel imital-a senão infielmente, do que tambem se prescinde pela pouca importancia scientifica dos caracteres da côr nas plantas: em compensação, acham-se admiravelmente representados o aspecto da planta e todas as miudezas anatomicas da flor e do fructo.

Fazem-se estas explicações para resposta antecipada á critica vulgar a que possa dar motivo a falta de côr nas estampas dessa parte da *Flora cubana*, que aos olhos dos menos entendidos faz contraste com o brilhante e rico colorido das aves, dos reptis, e dos molluscos da outra parte da obra. O sr. Sagra affiança que as pessoas pesarosas desta differença ficarão mui satisfeitas quando virem os peixes, os crustaceos, e os insectos da sua obra, que actualmente se estão debuxando e imprimindo em Paris com esplendidas cores, e com os reflexos metallicos do oiro e da prata.

Noticias do Egypto. — Contém algumas particularidades interessantes a seguinte carta de Alexandria, datada de 17 de março ultimo.

« Ao contrario do que acontece ordinariamente, a temperatura do Egypto não seguiu o mesmo andamento e alterações a que foi sujeita no presente anno a temperatura da generalidade da Europa: o inverno foi tão brando que mais parecia verdadeira primavera, nem as chuvas, nem os frios nos molestaram ao principio; porém, depois de termos soffrido por alguns dias o vento abrasador do sul, que elevou o thermometro de Réaumur a 22 e a 24 graus, as borrascas e os frios começaram e o thermometro baixou a 11 graus. Foi tanto o mau tempo desde o principio de março que impediu a sahida aos vapores correios de Levante e da Europa, detendo-os dois dias.

« No mez ultimo transitaram por esta cidade mais de 400 passageiros de ida e volta da India. Os vapores correios de Calcutá começaram a dobrar suas viagens e no mez passado já tivemos dois; o segundo delles conduziu 14 caixotes de oiro em barra equivalentes a 80:000 libras esterlinas, que foram para Inglaterra procedentes da Australia; entre a qual e o porto de Calcutá ha estabelecida uma correira de vapores. Por outro lado o paquete vindo de Southampion transportou 1:400 caixas de moeda de prata que formavam o total de dois milhões de pezos destinados ás possessões inglezas na India.

Carta. — *Sr. redactor.* — O mysterio da descoberta da quadratura do circulo, ficará pertencendo ao nosso Portugal. Esta conquista para as sciencias exactas, acaba de ultimar-se pela minha insignificante pessoa, é ella: $y^2 = 2r^2\frac{(3+\sqrt{3})}{3}$; e póde sempre ser expressa por um octogono. A demonstração que dá a formula acima, vae ser publicada, apenas estejam promptas as figuras que mandei abrir. Dê pois esta boa noticia aos nossos compatriotas.

Rua das Janellas Verdes n.° 60, em 26 de abril de 1853.

De v. etc.

Att.° ven. e obrig.°

Henrique Martins Pereira.

CONCERTO DE BENEFICENCIA.

Em a noite de 19 do corrente teve logar na Academia Melpomenense um brilhante concerto vocal e instrumental, em beneficio da Casa de Asylo da Infancia desvalida dos Cardaes, de que é fundador e director o mui reverendo padre José Ilsley.

É sem duvida merecedor dos maiores elogios o zelo e desinteresse com que este digno prelado tem sustentado ha tantos annos aquelles pios estabelecimentos, onde a infancia desamparada encontra não só a subsistencia como tambem a precisa educação para poder mais tarde ser util a si, e á sociedade.

O producto do referido concerto foi, como já dissemos, applicado em beneficio dos asylados, e é por certo um bello pensamento o de ligar uma recreação agradavel a um acto de caridade, tornando deste modo

menos sensivel a esmola e mais apreciavel o divertimento.

O concerto correu a todos os respeitos o melhor possivel. A concorrencia foi numerosa, e composta da *élite* da sociedade, o que era aliás d'esperar, havendo-se algumas das principaes damas desta côrte bondosamente encarregado da distribuição de bilhetes.

Suas Magestades, que nunca faltam a concorrer para um acto de beneficencia, dignaram-se assistir ao concerto, acompanhadas de Suas Altezas o Principe Real e os Infantes D. Luiz Filippe e D. João.

Os principaes artistas de canto do theatro de S Carlos, com a devida permissão da empreza, assim como outros artistas distinctos, e os professores da camara de Sua Magestade, promptificaram-se desinteressadamente a formarem esta *soirée* musical, portando-se com egual cavalheirismo a direcção da Academia Melpomenense, e a exm.ª baroneza de Barcellinhos, cedendo as suas salas para o mesmo fim. Foram varias as peças que se executaram, e todas foram ouvidas com summo agrado. Cantaram as srs. Rossi Caccia, e Ersilia Agostini, e os srs. Prudenza, Swift, e Bartolini, achando-se ausentes por motivo de doença a sr.ª Rachel Agostini, e o sr. dalle Aste.

O sr. Daddi tocou no piano uma *fantasia* por elle composta e dedicada a S. M. El-rei, e o sr. Raphael Croner umas *variações* de clarinete sobre motivos da *Somnambula*.

A insigne *dilettante* mademoiselle Sophie Cossoul, em attenção ao fim do concerto, prestou-se a executar um lindo *duetto* de harpa e piano com o sr. Daddi.

Depois da 1.ª parte, tiveram os artistas acima mencionados a honra de fallarem a S. M. El-rei, que com a affabilidade que o caracterisa a todos dirigiu palavras de benevolencia e agrado.

Todos os concorrentes se mostraram extremamente satisfeitos. Foi na verdade uma noite recreativa, particularmente tendo-se em vista que da coadjuvação qne todos estavam prestando para o mesmo fim resultava o bem estar de uma classe desvalida, e mais do que nenhuma digna de allivio e protecção.

DEMETRIO RIPAMONTI.

Por falta de espaço não foi publicado o seguinte artigo no ultimo n.º deste jornal.

THEATRO DE S. CARLOS.
Sampiero, do maestro Migoni.

A apparição do *Sampiero* sobre a scena de S. Carlos, e o exito brilhante qne teve este *spartito*, são dois acontecimentos que devem ser commemorados nos annaes artisticos deste paiz. Em breve o nome do novo compositor, pertencendo ao dominio da imprensa, tornar-se-ha conhecido no mundo theatral, e as honras que o hão de acompanhar partilhará a terra que lhe deu o ser, e com especialidade o Conservatorio Real de Lisboa, de que o illustre *maestro* é um dos principaes ornamentos.

Animo, pois, sr. Migoni. Seja este o primeiro passo para um futuro glorioso, que assim começaram os grandes mestres da arte. Sirvam todas essas palmas, essas coroas, essas ovações, que um publico intelligente vos ha tributado, e que de certo hão de ter lisonjeado o vosso amor proprio de artista, para vos azer proseguir com ardor na carreira encetada, dedicando todos os recursos do vosso bello talento á composição de outros trabalhos deste genero, cujo primeiro ensaio vos saiu tão favoravel.

Sampiero é sem duvida uma bella producção musical, e uma estrea eminentemente feliz. Adoptando a escóla de Mercadante, nas combinações harmonicas e no tecido da instrumentação, seguiu o sr. Migoni nos effeitos musicaes o estylo do *maestro* que está hoje mais em voga em Italia.

No 1.º acto as peças que mais se distinguem são a *aria* do baixo, a *cavatina* do tenor, particularmente no *allegro*, e o magnifico *final*. Temos a admirar no 2.º acto a *aria* do baritono de muito effeito, e apropriada quanto é possivel á situação; um lindo *côro* de damas, o *duetto* de soprano e baritono, e o *final* do acto, que é um verdadeiro chefe d'obra. É nas peças *concertantes* que mais se póde avaliar o profundo saber do compositor, e quem dirigir a attenção para as diversas combinações harmonicas e riqueza de instrumentação que este final apresenta conhecerá com quanta sciencia elle está elaborado. O 3.º acto offerece igualmente um conjuncto de bellas peças: um *duetto* de soprano e tenor, o *tercetto* immediato com baritono, escripto no estylo de Verdi e de immenso effeito; a *tempestade* pela orchestra, que é tambem uma peça classica, e talvez para muitos passe desapercebida; a aria do baixo, composta com igual *maestria*, o *duetto* de soprano, e o *rondó* de soprano com que finalisa a opera.

As partes principaes foram, como já n'outra occacião dissémos, confiadas á sr.ª Rossi Caccia, e aos srs. Prudenza, Bartolini, e delle Aste, que todos se houveram com summo esmero na sua execução.

Coube, porém, a palma ao sr. Bartolini, no papel de protogonista, de que consegue tirar o maior partido, não só pelo que diz respeito ao vigor e expressão do canto como tambem á propriedade da acção.

A sr.ª Rossi Caccia, apesar de não ser este *spartito* dos mais adaptados, a nosso vèr, aos seus recursos e ao seu estylo de canto, revela-nos sempre a sua proficiencia artistica, e confirma a opinião em que a temos de uma cantora distincta.

Os srs. Prudenza e delle Aste desempenham bem os seus respectivos papeis, e tem sido merecidamente applaudidos. O sr. Prudenza distingue-se particularmente na sua *aria*, e no bellissimo *tercetto* do 3.º acto, que acaba sempre no meio de applausos prolongados.

As scenas dos srs. Rambois e Cinatti são dignas dos dois insignes scenographos. Faremos especial menção da penultima, que representa um bosque, de noite, vendo-se ao longe o mar, e um farol á entrada do porto. Esta scena é de um effeito maravilhoso, e tem sido muito applaudida.

Concluiremos angurando á opera do sr. Migoni longa existencia sobre a nossa scena, esperando vel-a reproduzida com o mesmo exito em alguns dos principaes theatros de Italia. DEMETRIO RIPAMONTI.

BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por *José da Motta Pessoa de Amorim*.

Publicaram-se as folhas 5.ª e 6.ª do tomo 4.º

Vende-se a 20 rs. a folha na rua Augusta n.os 1 e 8; e a 300 rs. por volume nos principaes livreiros de Lisboa, Porto, e Evora.